

Aumentam no interior os bolsões de pobreza

Cerca de 400 famílias de Guaçuí vivem em bairros de periferia em péssimas condições de sobrevivência, sem ter o que comer. Quem pode faz apenas uma refeição diária à base de arroz e feijão

CYRO RÊGO

Guaçuí - Engana-se quem pensa que só nas grandes cidades estão localizados os bolsões de pobreza. No interior, o problema também existe e, nesta cidade, ele é crônico. Segundo dados da Secretaria de Ação Social da Prefeitura de Guaçuí, 100 famílias detectadas em cinco bairros da periferia vivem em situação de extrema pobreza. Mas, de acordo com presidentes de associações de moradores, o número é muito maior e pode ultrapassar a 400 famílias.

Os principais dirigentes municipais, questionados por A GAZETA, apontaram a falta de emprego no campo após a colheita de café, o êxodo rural e o alcoolismo como os principais fatores responsáveis pelo drama por que passam as famílias carentes do município. Quase a totalidade delas, se almoçam um simples prato de arroz e feijão, não dispõem da mesma iguaria na hora do jantar. O café da manhã, acompanhado com um simples pãozinho ou leite para as crianças, praticamente inexistente para essas famílias. José Luiz Pioravani, 36, que trabalha como atendente na Casa Brasil e preside a Associação de Moradores do Bairro São Miguel (Ambasm), um dos mais populosos do município de Guaçuí, informou que só no seu bairro as famílias que enfrentam sérios problemas de alimentação são mais de 100 e "a situação da fome é crônica".

"Essas famílias, com cerca de 500 pessoas, dependem da renda do subemprego. Acabou a colheita do café, acabou o dinheiro. A situação é dramática. Fizemos uma campanha recentemente e conseguimos mil quilos de alimentos, que foram distribuídos às famílias. Mas isso não resolve o problema, é preciso uma ação

de Araújo eram bairros mais carentes do que atualmente e, hoje, melhorou muito a infra-estrutura básica", lembra.

Para ela, a falta de emprego depois que finda a colheita do café agrava ainda mais o problema. Mas a questão, afirma, tem seu agravamento pior devido ao alcoolismo. "Esse é o pior, acaba com as famílias e traz a fome. Essas famílias deveriam voltar para a roça e trabalhar e não sofreriam tanto com essa situação", prega.

Ivane Alves está apostando num projeto piloto, o Vida Nova (Provinova), de sua autoria, para, se não revolver a questão, pelo menos, minimizá-la. "O Provinova visa, através de um diagnóstico social, detectar e atender às famílias carentes que necessitam de complementação emergencial de gêneros alimentícios, como também ajudá-los na superação de situações que os mantêm abaixo da linha da pobreza", enfatiza.

Êxodo rural

De acordo com Pedro Scaramuça, pároco da Igreja Católica de Guaçuí, a matemática vem se agravando a cada dia e apontou o êxodo rural como o principal problema a trazer a fome para as famílias do município. "Essas famílias vieram da roça, incharam as cidades. Deixaram para traz água, casa e alimentos de graça para pagarem por tudo na periferia. Agora, eles vão para a roça em cima de carrocerias de caminhão trabalharem", define.

Segundo ele, ainda, as Pastorais da Saúde e da Criança, além dos Vicentinos, vêm assistindo como podem as famílias carentes. "Damos remédios caseiros, pagamos medicamentos e distribuímos alimentos. O problema é que as famílias em situação de extrema pobreza aumentam a ca-



Guaçuí – Engana-se quem pensa que só nas grandes cidades estão localizados os bolsões de pobreza. No interior, o problema também existe e, nesta cidade, ele é crônico. Segundo dados da Secretaria de Ação Social da Prefeitura de Guaçuí, 100 famílias detectadas em cinco bairros da periferia vivem em situação de extrema pobreza. Mas, de acordo com presidentes de associações de moradores, o número é muito maior e pode ultrapassar a 400 famílias.

Os principais dirigentes municipais, questionados por A GAZETA, apontaram a falta de emprego no campo após a colheita de café, o êxodo rural e o alcoolismo como os principais fatores responsáveis pelo drama por que passam as famílias carentes do município. Quase a totalidade delas, se almoçam um simples prato de arroz e feijão, não dispõem da mesma iguaria na hora do jantar. O café da manhã, acompanhado com um simples pãozinho ou leite para as crianças, praticamente inexistente para essas famílias. José Luiz Pioravani, 36, que trabalha como atendente na Casa Brasil e preside a Associação de Moradores do Bairro São Miguel (Ambasm), um dos mais populosos do município de Guaçuí, informou que só no seu bairro as famílias que enfrentam sérios problemas de alimentação são mais de 100 e “a situação da fome é crônica”.

“Essas famílias, com cerca de 500 pessoas, dependem da renda do subemprego. Acabou a colheita do café, acabou o dinheiro. A situação é dramática. Fizemos uma campanha recentemente e conseguimos mil quilos de alimentos, que foram distribuídos às famílias. Mas isso não resolve o problema, é preciso uma ação conjunta entre os governos. Enquanto isso não acontece, estamos tentando nos integrar ao Programa Sopão, previsto para o mês de novembro”, disse.

Sem comida

Teresa Cristina Gonçalves da Silva, 47, moradora em um barraco no bairro São Miguel, reclamou que passa por muitas dificuldades. “A minha situação é precária. Tem vez que falta comida em casa. A água está para ser cortada porque não tenho dinheiro para pagar a conta”, lamenta. O mesmo problema ocorre com Alcinéia Gonçalves de Souza, 20. “Falta comida na minha casa. Às vezes ganho leite para as crianças”, revelou.

Alcides Gonçalves de Aguiar, além da falta de alimentos na cozinha, vive o drama do despejo.

“Devemos R\$ 150,00 de aluguel e não temos dinheiro para comer, contamos com a ajuda de vizinhos, que pouco têm para oferecer”, reconheceu.

No bairro João Ferraz de Araújo, 20 famílias vivem a situação de extrema pobreza, segundo revelou a presidente da Associação de

Moradores, Marneide Vidal. “Comem angü puro, mesmo. A situação só não é pior porque eles contam com a solidariedade de vizinhos e da nossa associação, que, quando pode, distribui cestas básicas. Quando acaba a colheita de café, vivem de bicos”, acrescenta.

No Cid Moreira, especialmen-

te no Beco José de Freitas, a situação não é diferente e seus moradores vivem o desespero da fome, já que todos os responsáveis pelo sustento das 12 famílias ali existentes estão desempregados. João Batista Rosa Firmino é um deles. “Muita gente aqui passa fome. A nossa situação é muito difícil e só

não é pior porque a Igreja Batista nos ajuda esporadicamente”, frisou. A secretária de Ação Social do município, Ivane Alves Pereira, reconhece a situação, mas afirmou que em outras épocas a situação foi muito pior. “Além da fome, os bairros Lagoa, Roberto Mendes, Balança e João Ferraz

de Araújo eram bairros mais carentes do que atualmente e, hoje, melhorou muito a infra-estrutura básica”, lembra.

Para ela, a falta de emprego depois que finda a colheita do café agrava ainda mais o problema. Mas a questão, afirma, tem seu agravamento pior devido ao alcoolismo. “Esse é o pior, acaba com as famílias e traz a fome. Essas famílias deveriam voltar para a roça e trabalhar e não sofreriam tanto com essa situação”, prega.

Ivane Alves está apostando num projeto piloto, o Vida Nova (Provinova), de sua autoria, para, se não revolver a questão, pelo menos, minimizá-la. “O Provinova visa, através de um diagnóstico social, detectar e atender às famílias carentes que necessitam de complementação emergencial de gêneros alimentícios, como também ajudá-los na superação de situações que os mantêm abaixo da linha da pobreza”, enfatiza.

Êxodo rural

De acordo com Pedro Scaramuça, pároco da Igreja Católica de Guaçuí, a matemática vem se agravando a cada dia e apontou o êxodo rural como o principal problema a trazer a fome para as famílias do município. “Essas famílias vieram da roça, incharam as cidades. Deixaram para traz água, casa e alimentos de graça para pagarem por tudo na periferia. Agora, eles vão para a roça em cima de carrocerias de caminhão trabalhar”, define.

Segundo ele, ainda, as Pastoris da Saúde e da Criança, além dos Vicentinos, vêm assistindo como podem as famílias carentes. “Damos remédios caseiros, pagamos medicamentos e distribuímos alimentos. O problema é que as famílias em situação de extrema pobreza aumentam a cada dia em Guaçuí. Recentemente, surgiram mais três novos loteamentos”, lamenta.

O inchaço das periferias, o desemprego e alcoolismo acabam gerando enormes problemas na ordem pública e, segundo o capitão Willian, comandante da Segunda Companhia de Polícia Militar, sediada nesta cidade, 80% das ocorrências registradas são oriundos dos bairros onde estão concentrados os maiores focos de miséria.

“Agimos como agente orientador e não como opressor. Quando se trata de menor envolvido, encaminhamos para o Conselho Tutelar. Mas os dados estão relacionados diretamente com o uso do álcool. Sem ter o que fazer, acabam bebendo e brigando entre si”, informa.



Cyro Rêgo

Miséria

As condições de saúde dos que vivem nos bolsões de pobreza são mínimas, agravadas pela falta de saneamento, com esgoto a céu aberto e água sem tratamento